

PAULO LEMINSKI

Horácio
ODE X

nem me pergunte

saber não presta

Leuconoe

que fim os deuses nos preparam

nem arrisque

números de Babel

como se fosse o máximo -- o que vier: fature

se o Pai te concedeu vários invernos

ou o último

agora o mar tyrrheno cepilha pedras de naufragar

filtre o vinho

sorva os coos

prazo breve

corta

a espera

a era já era

antes do tempo de dizer

estamos conversados

pega este dia

crer no próximo

não vale um nihil

Ludovico Ariosto
ELEGIA II

de minha negra pena em parte de ouro
muitos me vieram perguntar com ira
o oculto senso, calei meu tesouro

quero que sempre em mim se indefira
nem por força nem por filtro de fadas
jamais de mim terão senão mentira

deus como em tantas outras empreitadas
providência mostra quando enfia
coração em nossas partes mais vedadas

áí secretos pensamentos cria
bloqueia a estrada e não revela a cena
por causa dessa gente que me espia

ornada de ouro a negra minha pena
cem vezes bem diversa eu a trajei
para que todos a vissem amena

mas calo a quanta altura a elevarei
nem quero que se saiba, o quanto possa,
que gozos tenha, que dores lhe dei

se disserem que é teimosia a nossa
direi que sois soberbos e inimigos
e grande descortesia é a vossa

não ouvistes aquilo dos antigos
que de tanto seguir trilha secreta
tiveram merecidos seus castigos?

a ave peito pardo e asa preta
foi dona antes de ser gavião
por muita militância indiscreta

o que se oculta espiar é malsão
e servir vos devia de antenas
aquilo de Tirésias e Acteão

a um tirou a vista a deusa Atenas
do outro serve aos cães a deusa Diana
banquete feito de sua carne apenas

em pleno banho descobrir-se plana
a tal ponto a diva nua irrita
que se vinga daquele que a profana

nem é outro o motivo que me agita
que queiram ver além do meu roupão
qual é meu coração quando palpita

valor daquelas donas tenho não
nem crueza para fazer dano
qual fizeram a Tirésias e Acteão

bem vos digo que faz papel tirano
quem não respeita o véu do meu decoro
e arde por interpretar todo o arcano

desta minha negra pena em parte de ouro

Antonio Malatesti (anagrama: Amostante Latone ou Aminta Setaiuolo)
de A ESFINGE (ENIGMAS)

eu vi em terra um homem fazer dona
depois de uma tela ter por terra
e de mostrar, por homem, a terra
sob terra tela e sobre terra dona

não era mais que sombra enfim a dona
mais que sombra e que tela enfim a terra
quem vive de sombra e tela na terra
é quem fazia em tela sombra à dona

tal força com sombras tinha este homem
que transformava dona, terra e tela
no loiro metal que contenta ao homem

quero ver se é possível que uma tela intrincada,
destrinchar saiba um homem
que diga quem a dona, a terra, a tela

Giovanni Boccaccio
das RIME

roto o martelo rota a bigorna
que antes fabricavam as doces rimas
rotos os foles rotas as limas
a oficina toda se transtorna

o fogo ao carvão não mais retorna
que punha em fusão as matérias-primas
com que formando obras pouco opimas
cantei do falso amor que nos amorna

destarte cessa a minha vaga pena
de dar fôlego a coisas doidivas
e para arte assim minhas pestanas

à flor soberana das soberanas
que vence todas como o ouro à galena
tratarei porém com honra extraterrena

Allen Ginsberg
SOBRE A OBRA DE BURROUGHS

O método tem que ser carne viva
e não vestimenta simbólica,
visões reais & prisões reais
como as vemos de vez em quando.

Prisões e visões apresentadas
com raras descrições
correspondendo exato àquelas
de Alcatraz e Rose.

Um lanche nu é natural para nós,
comemos sanduíches de realidade.
Mas alegorias são papa mais fina.
Nao esconda a loucura.

